

Viúva de Meireles desabafo no enterro e se queixa de injustiças contra o marido

Um desabafo da viúva, contido há 35 anos, e uma lamentação do chefe xavante Uaro-di entoada à beira do túmulo marcaram o sepultamento do sertanista Francisco Meireles, ontem às 10 horas, no Cemitério do Caju, onde estavam cerca de 100 pessoas.

Pouco antes de ser fechado o caixão, D. Abigail, a viúva, com o rosto contraído e sem controlar as lágrimas, disse entre soluços que seu marido fora "injustiçado durante todo esse tempo", pois "ninguém o apoiou e sofremos em silêncio."

Lamento

Ao abraçar-se com o filho Apoena Meireles, ela repetiu que não podia "deixar de falar, porque vêm lá do fundo as amarguras das injustiças sofridas." Apoena a consolou e completou suas palavras.

— É preciso explicar que minha mãe quer se referir às injustiças sofridas por meu pai quando era chefe do ex-SPI (Serviço de Proteção ao Índio) o Sr. José Maria da Gama Matcher, homem sem idoneidade, sem escrúpulos para exercer qualquer cargo, quanto mais o de chefe do SPI. As injustiças foram cometidas no passado e ao passado pertencem. Nos últimos anos, a atual direção da Funai, ao contrário, sempre apoiou o meu pai.

Um pequeno grupo de índios xavantes, entre ho-

mens e mulheres, passou toda a noite velando o corpo do sertanista, junto ao numeroso grupo de amigos e parentes. Os dois que mais se destacaram eram o chefe Uaro-di e Serinoné, que estiveram durante todo o tempo em pé, à cabeceira do caixão, monologando na língua deles com a figura serena de Francisco Meireles, vestido num terno escuro, gravata preta e camisa branca. Pétalas de rosas vermelhas e amarelas cobriam o corpo, deixando aparecer apenas o rosto e as mãos cruzadas. O monólogo dos dois índios foi longo; de cabeças baixas, olhos secos, tomavam de vez em quando das mãos do "grande guerreiro", e invocavam seus deuses, pedindo proteção ao "pai-cheie" na "longa viagem sem retorno."

A luta

Quando um funcionário do cemitério apanhou num canto a tampa do caixão, a sala se encheu. Uma mulher de meia idade, de aspecto humilde, quis dar um último adeus: abraçou-se com o corpo e chorou um choro comprido e baixinho.

D. Abigail, amparada por amigos e o filho Apoena, havia sido retirada da sala por alguns momentos e, antes que o caixão se fechasse, retornou. Passou a mão sobre a cabeça do marido morto, beijou-lhe a fronte e conteve uma explosão de lágrimas.

O caixão foi conduzido pelos antigos amigos e o filho Apoena, ao lado da noiva Denise. A sepultura ficava logo na primeira fila depois da porta de saída. Quando os coveiros se preparavam para lançar o caixão no fundo do poço, um dos sobrinhos do sertanista,

Sr. Bolívar Meireles, subiu numa das sepulturas ao lado e falou:

— Quero fazer algumas considerações sobre a morte de meu tio. Estou com os olhos secos, sem lágrimas. Não quero fazer aqui, como tenho certeza de que ele não gostaria, uma despedida piegas de mais uma pessoa da família. Desejo ressaltar o que significa a morte do Sr. Francisco Meireles — mais um que cai no processo diário de uma luta.

— Sr. Francisco Meireles marcou uma posição: o índio está se tornando e tem se tornado mais uma parcela do proletariado brasileiro, pois, agredido em seu meio, colocado para fora, não tem podido se integrar e compartilhar de benefícios. Ele é visto como simples divertimento do branco, como se fosse um leão ou um elefante num zoológico — continuou.

Braços no ar

O chefe Uaro-di, em seguida, levantou os braços, olhando fixamente para o caixão e iniciou uma longa lamentação na língua xavante, que durou cerca de 10 minutos. Num tom firme, repetia as frases num ritmo compassado. Quando terminou, o índio Serinoné interpretou em voz alta o que havia dito o seu irmão de sangue.

— Finalmente chegou a morte de Francisco Meireles, nosso pai. O corpo não resistiu à dor e assim quiseram os deuses. Vou levar a notícia à missão, onde os nossos irmãos chorarão

muito. Não posso dizer muitas palavras porque não estou à vontade. Estou muito triste. Estou muito triste.

Depositado o caixão, os coveiros cimentaram algumas barras de ferro que conteriam duas lajes de concreto sobre as quais seriam recolocadas quatro urnas com os ossos de outras pessoas já sepultadas. Colocaram depois uma chapa de metal provisória para fechar a sepultura e, sobre ela, cinco coroas de flores enviadas pelos parentes, pela direção da Funai e vários outros amigos.